

1

ISABELLA

— Então, *não* usaste os preservativos que te dei e que brilham no escuro?

— Não. Desculpa. — Tessa retribuiu o meu olhar desalentado com uma expressão divertida. — Foi o nosso primeiro encontro. E onde arranjaste aqueles preservativos, já agora?

— Numa festa de *skate* a que fui no mês passado. — Tinha ido àquela festa com a esperança de que me arrancasse do marasmo que tomara conta da minha vida. Não resultou, mas saí de lá com um saco de brindes deliciosamente marotos que, entretanto, distribuía pelas minhas amigas. Uma vez que passava por uma proibição autoimposta de me envolver com homens, tinha de viver a vida através delas, coisa bastante difícil quando as ditas amigas decidiam não colaborar.

Tessa franziu a testa.

— Por que razão andavam a distribuir preservativos numa festa de *skate*?

— Porque aquelas festas se transformam em orgias enormes — expliquei. — Eu vi alguém a usar logo um deles, no meio do ringue de patinagem.

— Estás a gozar!

— Não estou. — Abasteci a prateleira dos acompanhamentos, depois virei-me para endireitar os vários copos do bar. — É uma loucura,

não é? A festa foi divertida, apesar de ter visto algumas coisas que me deixaram traumatizada durante uma semana!...

Continuei a tagarelar, só parcialmente atenta aos meus movimentos. Depois de um ano a trabalhar no bar do Clube Valhalla, exclusivo para os membros mais ricos e poderosos do mundo, já fazia quase tudo de forma automática.

Eram seis da tarde de segunda-feira — habitualmente a *happy hour* noutros estabelecimentos, mas uma hora bastante morta no Valhalla. Eu e a Tessa aproveitávamos esse tempo para coscuvilhar e conversar sobre o que fizéramos no fim de semana.

Eu só trabalhava ali para ter um ordenado fixo enquanto não acabasse o meu livro e me tornasse numa autora publicada, mas era agradável trabalhar com alguém de quem gostava de facto. A maior parte dos meus anteriores colegas não passavam de idiotas.

— Já te falei do tipo superexibicionista? — perguntei. — Era um daqueles que participavam *sempre* nas orgias.

— Hmm, Isa. — O meu nome saiu da sua boca de forma esganiçada e pouco característica da Tessa, mas eu estava demasiado lançada na história para parar.

— A sério, nunca pensei que um dia ia ver uma pila a brilhar no escuro, metida num...

Um pigarrear educado interrompeu a minha descrição.

Um pigarrear educado e *masculino* que não pertencia de todo à minha colega favorita.

Os meus movimentos pararam subitamente. A Tessa soltou mais um guinchinho perturbado, o que só confirmou as minhas suspeitas: o recém-chegado era um dos membros do clube, não a nossa gerente descontraída ou um dos seguranças que às vezes apareciam no bar durante as suas pausas.

E a pessoa acabara de me ouvir a falar de pilas fluorescentes.

Porra.

Senti línguas de fogo a queimarem-me o rosto. Que se lixasse a conclusão do meu manuscrito, aquilo que mais desejava naquele momento era que a terra se abrisse e me engolisse.

Infelizmente, não senti nem o mais ligeiro tremor de terra, por isso, depois de chafurdar na própria humilhação, endireitei os ombros, coleí o meu melhor sorriso de funcionária nos lábios e virei-me.

A minha boca mal concluiu a curva ascendente do sorriso antes de se imobilizar. Os músculos desistiram simplesmente, como uma página *web* que não carrega.

Porque, ali de pé, a pouco mais de um metro, com uma expressão divertida e muito mais bonito do que qualquer homem tinha o direito de ser, estava o Kai Young.

Estimado membro do conselho de administração do Clube Valhalla, herdeiro de um império *multimedia* e multibilionário, dono de uma capacidade perturbadora para aparecer *sempre* a meio das minhas conversas mais embaraçosas — esse Kai Young.

Uma nova onda de vergonha espalhou-se pelo meu rosto.

— As minhas desculpas por interromper — disse ele, o seu tom de voz neutro sem atraíçoar o que pensava da nossa conversa. — Gostava de pedir uma bebida, por favor.

Não obstante a vontade avassaladora de me esconder debaixo do bar até ele se ir embora, não consegui evitar derreter-me um pouco ao ouvir o som da sua voz. Profunda, suave e aveludada, com uma pronúncia inglesa tão elegante que seria capaz de envergonhar a própria rainha defunta. Derramou-se na minha corrente sanguínea como uma dúzia de *shots* de um uísque potente.

O meu corpo aqueceu.

As sobrancelhas do Kai arquearam-se ligeiramente, e apercebi-me de que estava tão focada na sua voz que nem respondi ao pedido. Entretanto, a Tessa, essa pequena traidora, desaparecera para o armazém, deixando-me ali para me safar sozinha. *Nunca mais lhe dou preservativos.*

— Claro, é para já. — Pigarreei e tentei aligeirar um pouco a tensão cada vez mais palpável. — Mas receio que não possamos servir gim-tónico em tons que brilham no escuro. — *Pelo menos não sem uma luz negra que os faça brilhar.*

Ele olhou para mim com um ar inexpressivo.

— Porque da última vez que me ouviste falar foi sobre pre..., bem, sobre produtos de proteção — esclareci. *Nada*. Até podia estar a tagarelar sobre os padrões de trânsito na hora de ponta, tal foi a reação que ele demonstrou. — Pediste um gim-tónico de morango porque eu estava a falar de outras coisas com sabor a morango...

Enterrava-me ainda mais. Não precisava de lembrar o Kai de que me ouvira falar sobre preservativos de morango durante a gala de outono do clube, mas tinha de dizer *alguma coisa* para desviar as atenções da minha conversa atual sobre... bem, sobre a questão dos preservativos.

Eu devia parar de falar de sexo no local de trabalho.

— Deixa lá — acrescentei rapidamente. — Queres o costume?

À exceção daquela vez em que quisera um gim-tónico, o Kai pedia sempre uísque simples. Era mais previsível do que uma música da Mariah Carey durante a época natalícia.

— Não, hoje não — disse descontraidamente. — Prefiro beber um *Death in the Afternoon*. — Levantou o livro que tinha na mão para eu poder ler o título na capa puída. *Por Quem os Sinos Dobram*, de Ernest Hemingway. — Parece-me mais adequado.

Inventado pelo próprio Hemingway, o *Death in the Afternoon* era um *cocktail* simples composto por champanhe e absinto. O seu tom verde iridescente também era o mais parecido com um pau que brilhava no escuro que se podia encontrar numa bebida normal.

Semicerrei os olhos, sem saber se se tratava apenas de coincidência ou se ele estava a meter-se comigo.

Ele retribuiu o olhar fixo, com uma expressão indecifrável.

Cabelo escuro. Feições bem esculpidas. Óculos de armações pretas finas e um fato que lhe assentava tão bem que só podia ter sido feito por medida. O Kai era o epítome da sofisticação aristocrática e dominava na perfeição o estoicismo britânico que combinava com ela.

Normalmente, eu era boa a ler as pessoas, mas já o conhecia há mais de um ano e ainda não conseguira ver o que existia por trás dessa máscara. E isto irritava-me mais do que queria admitir.

— Um *Death in the Afternoon* a sair — respondi finalmente.

Atarefei-me a preparar a bebida enquanto ele se sentou no lugar habitual, no extremo do bar, e tirou um caderno de notas do bolso do casaco. As minhas mãos fizeram todos os movimentos, mas a atenção dividia-se entre o copo e o homem que lia em silêncio. De vez em quando, parava de ler e escrevia qualquer coisa.

Isto não era invulgar. O Kai vinha muitas vezes até ao bar para ler e beber um copo antes de começar a agitação da noite. Invulgar *era* a hora a que chegara nesse dia.

Era segunda-feira à tarde, três dias e duas horas antes da sua vinda semanal à quinta-feira. Ele vinha sempre nesse dia, a essa hora, e hoje estava a quebrar o padrão.

O Kai Young *nunca* quebrava padrões.

A curiosidade e uma estranha falta de ar fizeram o meu passo abrandar enquanto lhe levava a bebida. A Tessa ainda estava no armazém e o silêncio tornava-se mais pesado a cada passo que dava.

— Estás a tirar notas? — Pousei o *cocktail* em cima de um guardanapo e olhei de relance para o caderno dele, aberto ao lado do romance do Kai, as páginas cheias de uma caligrafia bonita e ordenada, a tinta preta.

— Estou a traduzir o livro para latim. — Ele virou a página e escreveu mais uma frase sem sequer olhar para mim ou tocar na bebida.

— Porquê?

— Porque é relaxante.

Pestanejei, certa de que o ouvira mal.

— Achas que traduzir um romance de quinhentas páginas, à mão, para latim é *relaxante*?

— Sim. Se quisesse um desafio mental, traduzia um manual de economia. Traduzir ficção é algo que reservo para os tempos livres.

Deu-me esta explicação casualmente, como se fosse um hábito tão comum como atirar o casaco para as costas do sofá.

Fitei-o, boquiaberta.

— Uau. Isso é... — Nem sabia o que dizer.

Sabia que as pessoas ricas se dedicavam a passatempos estranhos, mas pelo menos costumavam ser excentricidades divertidas como

organizar festas deslumbrantes para o casamento dos seus animais de estimação ou tomar banho em champanhe. O passatempo do Kai era simplesmente... *aborrecido*.

Os cantos da sua boca contorceram-se e a consciência abateu-se sobre mim, acompanhada de algum embaraço. Parece ser o tema do dia.

— Estás a dar-me tanga.

— Não inteiramente. Acho a tradução um exercício relaxante, mas não sou grande amante de manuais de economia. Já lidei o suficiente com eles em Oxford. — Levantou finalmente os olhos para mim.

A minha pulsação saltou-me na garganta. Assim, de perto, ele era tão bonito que quase magoava olhá-lo. O cabelo preto e fino caía-lhe sobre a testa, emoldurando as feições, que pareciam saídas de um clássico de Hollywood. As maçãs do rosto afiladas desciam até ao queixo quadrangular e lábios esculpido, enquanto os olhos castanho-escuros cintilavam por trás dos óculos que ainda acentuavam mais a sua atraente expressão. Sem os óculos, a beleza do Kai podia parecer fria, quase intimidante na perfeição, mas com eles tornava-se acessível. Humano.

Pelo menos quando não estava ocupado a traduzir clássicos da literatura ou a gerir a empresa de *media* da família. Com óculos ou sem eles, não havia nada de *acessível* em qualquer uma destas atividades.

A minha espinha fervilhou de sensibilidade quando ele estendeu a mão para a sua bebida. A minha mão ainda estava sobre o balcão. O Kai não me tocou, mas o calor do seu corpo derramou-se sobre mim como se me tivesse tocado.

O formigueiro espalhou-se, vibrou por baixo da minha pele e abrandou-me a respiração.

— Isabella?

— Hmm? — Agora que pensava nisso, por que razão precisava ele de óculos? Era suficientemente rico para fazer uma operação a *laser*.

Não que estivesse a queixar-me. O Kai podia ser um pouco entediante e emproado, mas na verdade...

— O cavalheiro do outro lado do bar está a tentar chamar a tua atenção.

Regressei à realidade com uma observação desagradável. Enquanto fitava o Kai, juntaram-se mais alguns clientes no bar. A Tessa regressara ao balcão, e servia um casal bem vestido, mas outro cliente esperava para ser atendido.

Merda.

Apressei-me a ir até ele, deixando o Kai e a sua expressão divertida.

Depois, servi outro cliente e a seguir outro. Chegara a *happy hour* do Valhalla e já não tinha tempo para divagar a respeito do Kai e dos seus estranhos métodos de descontração.

Ao longo das quatro horas seguintes, eu e a Tessa entrámos num ritmo de trabalho familiar ao atender a multidão que ali se reunia.

O Valhalla tinha uma lotação de cem membros, por isso, mesmo nas noites mais agitadas, nada se comparava ao caos que costumava encontrar em alguns dos bares de rua em que já trabalhara. No entanto, os membros do clube exigiam mais cuidado, mais atenção e mais massagens no ego do que a generalidade dos rapazes universitários ou das despedidas de solteira já ébrias. Quando o relógio bateu as nove da noite, estava prestes a colapsar de cansaço e superagradecida por, naquela noite, só fazer meio turno.

Ainda assim, não resisti a olhar de vez em quando para o Kai. Normalmente, ele saía do bar uma ou duas horas depois de ter chegado, mas continuava ali, a beber e a conversar descontraidamente com outros membros, como se não existisse outro lugar onde quisesse estar.

Algo se passa. Pondo de parte o dia invulgar para ir ao clube, o seu comportamento saía fora do padrão habitual, e quanto mais o observava, mais sinais identificava de que alguma coisa não estava bem: a tensão que lhe sobrecarregava os ombros, a ruga minúscula que lhe vincava a testa, os sorrisos contraídos que oferecia.

Talvez em virtude do choque de o ver ali fora do horário habitual, ou talvez quisesse recompensá-lo pelas vezes em que podia ter feito

com que fosse despedida devido ao meu comportamento impróprio (ou seja, por falar de sexo enquanto trabalhava) e não o fez. Não sei o que me motivou, mas durante um momento mais calmo no bar, encaminhei-me na sua direção com outra bebida.

O meu sentido de oportunidade foi perfeito; a pessoa com quem estivera a falar saiu do bar e deixou o Kai sozinho.

— Um gim-tónico de morango, pago eu. — Fiz deslizar o copo sobre o balcão. Preparei a bebida num impulso, pensando que seria engraçado, que ajudaria a animá-lo, mesmo que à minha custa. — Estás com ar de quem precisa de algum ânimo.

Ele respondeu com um arquear da sobrancelha.

— Vires aqui hoje não se encaixa no teu horário habitual — expliquei. — E tu nunca o quebras, a menos que se passe algo de errado.

A sobrancelha suavizou-se e o arco foi substituído por minúsculas rugas nos cantos dos olhos. O meu coração soçobrou perante esta inesperada visão tão amorosa.

É só um sorriso, miúda. Controla-te.

— Não sabia que prestavas tanta atenção aos meus horários. — Centelhas de riso tremeluziram por baixo da voz do Kai.

O calor inundou-me o rosto pela segunda vez naquela noite. *É a paga por ser uma boa samaritana.*

— Não presto assim tanta atenção — respondi, na defensiva. — Mas desde que aqui trabalho que vens ao bar todas as semanas e nunca apareceste à segunda-feira. Sou simplesmente observadora. — Devia ter ficado por aqui, mas a minha boca continuou a debitar palavras antes de o cérebro a conseguir acompanhar. — E só para que conste, tu nem sequer és o meu tipo, por isso não precisas de ficar preocupado que esteja a fazer-me a ti.

Pelo menos isto era verdade. Sendo objetiva, reconhecia o encanto do Kai, mas gostava de homens um pouco mais rústicos. Ele era do mais polido que podia haver. E mesmo que não fosse, a confraternização entre os membros do clube e os funcionários era estritamente proibida. Ora, eu não tinha a menor vontade de virar outra vez a vida do avesso por causa de um homem.

Esta consciência não impediu que as traidoras das minhas hormonas entrassem em ebulição de cada vez que o via, o que era irritante como o diabo.

— É bom saber. — As centelhas do sorriso refulgiram ainda mais quando ele aproximou o copo dos lábios. — Obrigado. Tenho um fraquinho por gim-tónico de morango.

Desta feita, o meu coração não se limitou a falhar uma batida, parou por completo.

Um fraquinho? *O que significa isso?*

Não significa nada, resmungou uma voz nos recônditos do meu pensamento. *Ele está a falar da bebida, não de ti. Além disso, não é o teu tipo de homem, ou já te esqueceste?*

Oh, cala-te, desmancha-prazeres.

Está bonito! Agora até as minhas vozes interiores discutem. Nem sequer sabia que tinha mais do que *uma* voz interior. Se isto não era um sinal de que precisava de dormir em vez de passar outra noite a agonizar a respeito do meu manuscrito, não sei o que seria.

— Não há nada para agradecer — respondi, um pouco atrasada. Sentia a pulsação a ecoar-me nos ouvidos. — Bem, é melhor...

— As minhas desculpas pelo atraso. — Um homem alto e louro instalou-se ao lado do Kai, a voz tão fria como o ar fresco do fim de setembro que se cola à pele. — A minha reunião arrastou-se mais do que o previsto.

O homem olhou-me de relance antes de voltar a virar-se para o Kai.

Cabelo louro-escuro, olhos de um azul profundo e a estrutura óssea de um modelo da Calvin Klein, tudo contrastava com o ar de icebergue capaz de afundar o *Titanic*. Era Dominic Davenport, o atual rei de Wall Street.

Reconheci-o de imediato. Era difícil esquecer aquele rosto, mesmo que as suas aptidões sociais precisassem de melhoramentos.

Uma sensação de alívio e, ao mesmo tempo, de aborrecimento inundou-me perante esta interrupção, mas não esperei pela resposta do Kai. Fui para o lado oposto do bar, irritada com a forma como o

seu comentário do *fraquinho* se demorava no meu pensamento, como se não tivesse sido apenas uma simples observação.

Se ele não fazia o meu estilo, eu não fazia *definitivamente* o seu. O Kai namorava com mulheres que ocupavam lugares nas direções das instituições de solidariedade, que passavam o verão nos Hamptons e vestiam fatos *Chanel* com colares de pérolas a condizer. Não que alguma destas coisas fosse errada, só não tinham nada que ver comigo.

Atribuía a minha reação desmedida às suas palavras à abstinência autoimposta. Estava tão carente de toque e afeto que o mais certo era ficar zozona se aquele *cowboy* nu que costuma andar por Times Square me piscasse o olho. Não tinha nada que ver com o Kai propriamente dito.

Não voltei para aquele lado do bar durante o resto da noite.

Por sorte, o facto de só ter meio turno para cumprir significava que podia sair mais cedo. Quando faltavam cinco minutos para as dez, transferi os meus pedidos para a Tessa, despedi-me e fui buscar a carteira ao armazém — tudo sem sequer olhar para um certo bilionário com queda para o Hemingway.

Jurava que ao sair senti uns olhos escuros a queimarem-me as costas, mas não me virei para confirmar. Era melhor não saber.

Àquela hora da noite, o átrio estava vazio e silencioso. A exaustão pesava-me nas pálpebras, mas em vez de me dirigir à saída em direção ao conforto da minha cama, encaminhei-me para a escadaria principal do clube.

Devia ir para casa, a fim de atingir a meta de palavras para aquele dia, mas precisava de inspiração. Não conseguia concentrar-me com o stresse de me sentar frente a uma página em branco.

Houve uma altura em que as palavras fluíam livremente; escrevi três quartos do meu *thriller* erótico em menos de seis meses. Depois relitudo, detestei e descartei-o em favor de um projeto novo. Infelizmente, a criatividade que jorrara para aquele rascunho inicial desapareceu junto com as palavras. Agora, tinha sorte se conseguisse escrever mais de duzentas palavras por dia.

Subi as escadas para o primeiro andar.

As valências do clube estavam interdidas aos funcionários durante as horas de expediente, mas, apesar de o bar ficar aberto até às três da manhã, o resto do edifício encerrava às oito. Não quebrava qualquer regra ao visitar a minha sala favorita para tentar descomprimir um pouco.

Ainda assim, os meus pés caminhavam com leveza sobre o espesso tapete persa. Percorri o corredor até ao fundo, para lá da sala do bilhar, passando pelo salão de beleza e a sala de estilo parisiense até às familiares portas de carvalho. A maçaneta de cobre estava fria e suave quando a rodei.

Quinze minutos. Era tudo o que precisava. Depois ia para casa, tomava duche e começava a escrever.

Mas, como sempre, assim que me sentei, a noção de tempo desapareceu. Quinze minutos transformaram-se em trinta, depois em quarenta e cinco e deixei-me absorver de tal forma no que estava a fazer que nem me apercebi de que a porta se abria.

Não até ser tarde demais.